

A REPRESENTAÇÃO DA PROTAGONISTA FEMININA NA LITERATURA ILUSTRADA: UMA BREVE REFLEXÃO

KAREN PÖTTER RADÜNZ¹;
JAQUELINE THIES DA CRUZ KOSCHIER²

¹Universidade Federal de Pelotas – karenradunz@gmail.com

²Instituto Federal Sul-rio-grandense – jaqueline.koschier@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é parte de um artigo maior, coordenado pela professora Jaqueline Koschier e desenvolvido durante o Programa de Pós-graduação em Linguagens Verbalis e Visuais e suas Tecnologias, vinculado ao Instituto Federal Sul-rio-grandense, em Pelotas, Rio Grande do Sul. O artigo em questão propõe uma reflexão a respeito da presença da protagonista feminina, normalmente retratada de maneira estereotipada, nos livros ilustrados infantojuvenis, com foco nas obras escritas por autoras mulheres.

Partimos do pressuposto de que há uma carência de protagonismo feminino não estereotipado na literatura ilustrada infantojuvenil, carência essa que podemos observar na pesquisa. Além disso, indo de encontro à ideologia patriarcal, que considerava as mulheres incapazes de criação estética (CUNHA, 2012), escolhemos focar em *autoras* de livros ilustrados.

O próprio desenvolvimento do artigo serviu como justificativa para a produção do mesmo: ao procurarmos por obras que atendessem aos requisitos já citados – livros que retratassem protagonistas femininas não estereotipadas e que fossem escritos por mulheres – a quantidade dessas mostrou-se pequena, limitando o escopo da pesquisa. Cabe salientar que pesquisas como “Retratos da Leitura no Brasil” (FAILLA; INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2016) mostram que o público leitor feminino supera o masculino, e, no entanto, a representatividade feminina nos livros infantojuvenis ainda é bastante escassa (MCCABE et al., 2011).

Desse modo, acreditamos que essa pesquisa se faz relevante ao observarmos que o gênero feminino tende a ser retratado de maneira bastante limitada na literatura ilustrada, sendo raros os casos em que as personagens fogem dos estereótipos esperados. Reforçamos que isso pode contribuir de maneira negativa e limitante na formação da menina leitora, podendo induzir a uma representação falha e limitada do que é “ser mulher”.

Considerando que esse trabalho é um recorte de um maior, propomos, aqui, apresentar conceitos e considerações básicas que virão a embasar o artigo em desenvolvimento. Para isso, nesse trabalho, temos como objetivos específicos:

- a. Apresentar, de maneira breve, as duas principais linhas do feminismo: a americana (mais “ativista”) e a francesa (mais “intelectualizada”);
- b. Apresentar, de maneira breve, conceitos e considerações acerca do livro ilustrado e da literatura infantojuvenil, pontos fundamentais dessa pesquisa;
- c. Relacionar, entre si, os conceitos e considerações apresentadas, a fim de que possamos, a partir de então, pensar na relevância da representatividade feminina na literatura ilustrada e nas possíveis consequências que isso pode vir a acarretar na formação da leitora.

2. METODOLOGIA

A fim de atingir os objetivos específicos propostos – questões de caráter qualitativo –, buscamos conceitos e considerações acerca dos pontos principais da pesquisa – feminismo, livro ilustrado e literatura infantojuvenil – a partir de pesquisa bibliográfica a seguir citada.

Como referencial teórico para abordar as duas principais linhas do feminismo, utilizamos os textos “Simone de Beauvoir: uma luz em nosso caminho” (ALMEIDA, 2015), “A crítica literária feminista e a crítica literária feminina: o caso de Marguerite Duras” (ANDREOSSO, 2011) e “Da crítica feminista e a escrita feminina” (CUNHA, 2012).

Para conceitos e considerações acerca do livro ilustrado e da literatura infantojuvenil, utilizamos os livros “Livro Ilustrado: Palavras e Imagens” (NIKOLAJEVA; SCOTT, 2011) e “Crítica, Teoria e Literatura Infantil” (HUNT, 2010), que aborda a questão da literatura. Por fim, para outros dados, utilizamos as pesquisas “Retratos da Leitura no Brasil” (FAILLA; INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2016) e “*Gender in Twentieth-Century Children’s Books: Patterns of Disparity in Titles and Central Characters*” (MCCABE et al., 2011).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Podemos dividir os estudos feministas entre a “crítica anglo-americana” e a “crítica francesa” (CUNHA, 2012, p. 4). A crítica anglo-americana “centrou-se, essencialmente, nas *relações da literatura com o cânone e com o estabelecimento do paradigma feminino*” (CUNHA, 2012, p. 4, grifo nosso), apoiando-se “na antropologia cultural e na história social” (ANDREOSSO, 2011, p. 256). Essa linha faz a distinção entre o componente biológico (sexo) e a construção de identidade sexual (gênero) (CUNHA, 2012).

Já a crítica francesa “se debruçou sobre a *questão da linguagem e do acesso feminino à esfera do simbólico*, na linha do desconstrucionismo de Derrida, do estruturalismo e da psicanálise lacaniana” (CUNHA, 2012, p. 4, grifo nosso), caracterizando “a mulher como um ‘ser de falta’” (ANDREOSSO, 2011, p. 256). Esse estudo endossa a existência de uma “escrita feminina” (CUNHA, 2012), defendendo que

a especificidade da literatura feminina não reside apenas nos temas, motivos e recursos estilísticos, como propõe a crítica de linha anglo-americana, mas sim na própria linguagem, uma linguagem outra, diferente da linguagem masculina. (ANDREOSSO, 2011, p. 257).

Com base nessa possível diferença de linguagem que a autora expõe, na qual “a feminina é diferente da masculina”, podemos perceber a importância de, em uma análise, escolher focar em obras escritas por mulheres. Isso porque, segundo Cunha,

a linguagem coloca-se para a mulher como uma questão de identidade, na medida em que, percebendo o mutismo a que foi, durante séculos, submetida, percebe também que o acesso às formas simbólicas da cultura e do poder se faz através da linguagem. (CUNHA, 2012, p. 4–5).

Por fim, corrobora a questão da mulher escritora que busca superar o estereótipo, explicando que

a crítica feminista nasceu da necessidade de privilegiar o olhar e a perspectiva hermenêutica feminina na abordagem de textos canônicos, quer salientando a representação da mulher nessa literatura androcêntrica, na qual era idealizada (mulher anjo) ou diabolizada (mulher fatal, bruxa, decaída), mas sempre dela prevalecendo imagens estereotipadas. (CUNHA, 2012, p. 1).

Essa perspectiva feminina nos textos também se faz importante quando falamos do livro infantojuvenil. Segundo a última pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, o gênero feminino, em comparação ao masculino, representa mais da metade do público leitor no ano de 2015 (FAILLA; INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2016, p. 175). No entanto, há uma escassez de livros infantojuvenis com protagonistas femininas não estereotipadas (MCCABE et al., 2011). O preconceito e estereotipagem existem – um exemplo é a descrença que recai sobre as mulheres que exercem profissões consideradas “masculinas” (MULLENLOWE GROUP, 2016) –, e sua presença na literatura é um reflexo do que vivenciamos na sociedade.

Com base em uma pesquisa da Universidade da Flórida desenvolvida a partir de um panorama dos livros infantis do século XX, constatou-se que a grande maioria das obras apresenta protagonistas masculinas – e esses livros não tornaram-se mais igualitários durante o século (MCCABE et al., 2011). Embora seja um estudo americano, podemos perceber uma semelhança desses resultados com o que ocorre na realidade brasileira. O estudo ainda mostra que 57% dos livros infantis possuem protagonistas masculinas, enquanto apenas 31% possuem femininas (MCCABE et al., 2011, p. 208). Também mostra que 36,5% dos livros incluem um homem no título, em comparação a 17,5% que incluem uma mulher (MCCABE et al., 2011, p. 208).

Podemos fazer uma relação do livro infantojuvenil com o livro ilustrado, e acreditamos que esse último, um objeto editorial impresso que reúne imagens e palavras com inúmeras possibilidades de interação entre si, pode ser um meio rico de estudo, que nos possibilita unir o campo da literatura, do design e da ilustração, onde podemos observar, também, como se dá a representatividade da protagonista feminina. Essa interatividade entre os elementos é respaldada, pois

[...] a função das figuras, signos icônicos, é descrever ou representar. A função das palavras, signos convencionais, é principalmente narrar. [...] A tensão entre as duas funções gera *possibilidades ilimitadas de interação entre palavra e imagem* em um livro ilustrado. (NIKOLAJEVA; SCOTT, 2011, p. 14, grifo nosso).

Sobre os signos verbais e visuais, importa declarar que “um gera expectativa sobre o outro, o que, por sua vez, gera e propicia novas experiências e novas expectativas” (NIKOLAJEVA; SCOTT, 2011, p. 14), fazendo o leitor ir e voltar do visual ao verbal em um ciclo que pode expandir o entendimento da narrativa (NIKOLAJEVA; SCOTT, 2011). As autoras, inclusive, sugerem que a criança, ao pedir para que seja relido, não estão lendo o mesmo livro, mas, sim, penetrando cada vez mais fundo em seus significados, ao contrário do que pode ocorrer com o adulto, que tende a priorizar a comunicação verbal em detrimento da visual, encarando as ilustrações como objetos meramente decorativos e complementares ao texto (NIKOLAJEVA; SCOTT, 2011).

De acordo com Hunt, “a desvalorização do livro ilustrado resulta da simplicidade da linguagem” (HUNT, 2010, p. 233), pois “grande parte da [sua] complexidade [...] é expressa pelos elementos visuais: o tamanho e o formato do

livro, a espessura do papel, as fontes [...]” (MARANTZ apud HUNT, 2010, p. 233). O autor ainda reforça a importância do livro infantojuvenil, defendendo que,

do ponto de vista histórico, os livros para criança são uma contribuição valiosa à história social, literária e bibliográfica; do ponto de vista contemporâneo, são vitais para a alfabetização e para a cultura, além de estarem no auge da vanguarda da relação palavra e imagem nas narrativas, em lugar da palavra simplesmente escrita. [...] Estão entre os *textos mais interessantes e experimentais no uso de técnicas de multimídias, combinando palavra, imagem, forma e som*. (HUNT, 2010, p. 43, grifo nosso).

Por fim, segundo Nikolajeva e Scott (2011), há livros em que o gênero da protagonista não é essencial para a história, podendo possuir personagens com gêneros indefinidos ou pouco definidos. No entanto, estereótipos ainda podem ser observados em grande parte das obras.

4. CONCLUSÕES

A partir do apresentado, esperamos que esse trabalho possa, de alguma forma, contribuir para a reflexão que se faz necessária acerca da carência de protagonistas femininas não estereotipadas em livros ilustrados infantojuvenis, bem como suas possíveis consequências na formação da menina leitora.

Além disso, conforme já colocado, pensamos ser importante dar voz às mulheres escritoras, acreditando que, pelo fato de serem mulheres, são elas as autoras com o maior potencial de retratar, de maneira mais completa, as particularidades do universo feminino. “Temos o direito de ser iguais sempre que as diferenças nos inferiorizam; temos o direito de ser diferentes sempre que a igualdade nos descaracteriza” (SANTOS apud ALMEIDA, 2015, p. 156).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, M. M. DE M. Simone de Beauvoir: uma luz em nosso caminho. **Cadernos Pagu**, v. 0, n. 12, p. 145–156, 20 maio 2015.
- ANDREOSSO, S. C. A crítica literária feminista e a crítica literária feminina: o caso de Marguerite Duras. **Lettres Françaises**, v. 2, n. 12, 2011.
- CUNHA, P. C. R. DA R. DE M. Da crítica feminista e a escrita feminina. **Revista Criação & Crítica**, v. 0, n. 8, p. 1–11, 15 abr. 2012.
- FAILLA, Z.; INSTITUTO PRÓ-LIVRO (EDS.). **Retratos da Leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro; São Paulo: Sextante; Instituto Pró-Livro, 2016.
- HUNT, P. **Crítica, Teoria e Literatura Infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- MCCABE, J. et al. Gender in Twentieth-Century Children’s Books: Patterns of Disparity in Titles and Central Characters. **Gender & Society**, v. 25, n. 2, p. 197–226, 1 abr. 2011.
- MULLENLOWE GROUP. **Inspiring The Future - Redraw The Balance**, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qv8VZVP5csA>>. Acesso em: 7 jul. 2017
- NIKOLAJEVA, M.; SCOTT, C. **Livro Ilustrado: Palavras e Imagens**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- WEYMAR, L. **D’autor: aproximações entre design e arte**. Notas de aula — Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 4-11 out. 2017.